



BOCA DO RIO | Apesar da crescente violência, a cordialidade e o intenso comércio fazem a diferença para quem vive no bairro

Uma cidade dentro da cidade

CLÁUDIO BANDEIRA
claud@grupopos.com.br

Como tantos bairros de Salvador, a Boca do Rio reflete a falta de planejamento urbano em suas ruas estreitas e tortuosas, e a ausência de políticas inclusivas resulta nos graves problemas sociais que enfrenta em seu cotidiano, como o desemprego e a escalada da violência. Apesar disso, a maioria de sua população batalha para superar as desigualdades e construir um jeito alegre e cordial de viver.

O bairro remete a uma pequena cidade do interior, onde uma ou duas ruas concentram um intenso comércio, que só não é completo na oferta de serviços devido à ausência de agências bancárias.

A partir do Conjunto Marback, marco final da concentração de condomínios do Imbuí, a Boca do Rio se configura uma área de ocupação informal a partir das ruas Hélio Machado e Professor Pinto Aguiar, ambas de traçado sinuoso e que concentram supermercados, lojas de material de construção, confecção, informática, mercarias, escolas, clínicas e até ateliês de pintura.

TIJOLO NU — O estilo arquitetônico do local reproduz a estética dos aglomerados urbanos favelizados, com predominância do tijolo nu, mas onde foram realizadas algumas melhorias ao longo dos anos. Os moradores tradicionais confessam que não trocariam por nada as facilidades oferecidas pelo bairro, entre as quais o custo de vida bem mais acessível do que em outras áreas da cidade.

Morando há 16 anos no local, Rosinha Gomes conta preferir a Boca do Rio a Brotas, seu endereço anterior. "O bairro passa uma sensação legal. A proximidade da praia me dá prazer. Além do que é muito prático morar aqui", afirma. A praticidade vem do comércio abundante e da oferta de opções de lazer, como os cinemas existentes no Aeroclube e os incontáveis bares e restaurantes que funcionam na região. "Com a cidade engarrafada do jeito que está, a Boca do Rio oferece vários acessos, o que já é um privilégio", aponta.

No entanto, o bairro passou a conviver com a violência, traduzida em frequentes assaltos. O aposentado Paulo Ricardo Dias dos Santos conta que, "apesar dos assaltos, não é um bicho-de-sete-cabeça viver no bairro". Ele lamenta, contudo, a decadência que atin-

Foi nas imediações da foz do hoje poluído Rio das Pedras, perto da sede do Esporte Clube Bahia, onde existia, nos anos 40 do século passado, um aglomerado de pescadores, que surgiu a Boca do Rio. A proximidade da foz deu origem à denominação. O bairro se adensou. Ganhou a atual cara após a transferência dos moradores das antigas invasões, no final dos anos 60. Foi o caso da invasão do Bico de Ferro, que ficava onde é atualmente o Jardim dos Namorados.

Cerca de 90 mil pessoas vivem hoje no local, muitas das quais enfrentam o problema de legalização da posse da terra.

guiu o Aeroclube e cujos estilhaços, acredita, "contribuíram para ampliar a violência na região". Outra questão que preocupa os moradores, revela Paulo Ricardo, é o Parque Atlântico, "área pertencente à comunidade e que foi abandonada [pelos poderes públicos]".

O número de jovens desempregados, que perambulam pelas ruas, também espelha o atual momento da Boca do Rio. "A chegada do Infocentro (centro de inclusão digital) tem motivado os mais jovens a aprenderem informática e a obterem uma perspectiva de futuro", acredita.

Vivendo há 40 anos no bairro, o historiador e paisagista César Menezes lembra que muitos dos problemas da Boca do Rio têm origem "na ausência do Estado, que não se preocupa em formar cidadãos", diz. Apesar das carências, ele confessa que não se mudaria. "Aqui vive uma gente boa, cordial e batalhadora". Além do que há um caldeirão cultural na região. São poetas, escultores, artistas plásticos, compositores de reggae, que, apesar de tudo, manifestam sua arte nos grupos de resistência.

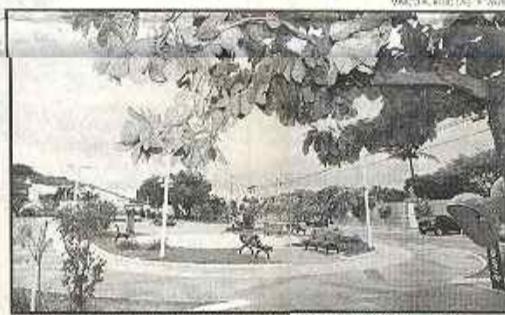


Apesar da ausência de planejamento urbano e de políticas sociais, a Boca do Rio oferece um diversificado comércio além de opções de lazer

Moradores se sentem parte do bairro

"Há aqui uma peculiaridade que não se vê na maioria dos lugares: um profundo sentimento de propriedade e identificação em relação ao bairro", resume o paisagista César Menezes. "Como é um bairro popular, há características que agradam, como a simplicidade e a sinceridade das pessoas que vivem aqui", revela, por sua vez, o fotógrafo Orlando Conceição Borges.

Em nas ruelas dos morros e dunas onde se melhor pode observar as contradições sociais da Boca do Rio, O Alto do São Francisco, que abriga uma igreja de mesmo nome, revela à direita o Aeroclube Plaza Show e o Parque Atlântico. À esquerda, na marginal da Avenida Octávio Mangabeira, há enfileirada uma variedade de bares e restaurantes que alterna o luxo e o popular. Ali fica o Bar do Gonzaga, onde,



Praça Mãe Preta, no Currallinho: marco divisor entre dois mundos

segundo tradicionais moradores, como Rosinha Gomes, se pode saborear o melhor caldo da cidade — o Camapovo —, uma mistura de camarão e polvo. "Trata-se de um lugar gostoso, de ambiente familiar", explica a

moradora. Mas é do alto da Estrada do Currallinho onde está a bem-cuidada Praça da Mãe Preta e marco de onde a duna coberta de vegetação separa os prédios do Imbuí da favela que se espalha do lado do oceano.

O vendedor de cecílias Diego Corqueira, 23 anos, diz que tem duas vantagens de morar no bairro: é a proximidade da praia e do lazer. "A gente tem uma variedade de opções bem próximas, como o Aeroclube e o Iguatemi". Sua queixa, porém, como a maioria dos que ali vivem, é a falta de segurança. O bairro já foi o preferido da boemia e da elite cultural, que não dispunha o banho de mar na Praia dos Artistas. O crescimento do Imbuí — reduto da classe média ascendente — gera o debate sobre se este seria considerado um bairro independente ou parte da Boca do Rio. Moradores atestam que o Imbuí é parte da Boca do Rio, o que é confirmado pela Administração Regional Boca do Rio/Patamares.

Semana que vem, a série Onde eu moro traz o bairro de Pernambuco.

Baixa Fria revela contrastes de uma Salvador desigual



Casas no charco e com piscina: cenário de contrastes

Surgidas em um charco, as casas da Baixa Fria, que se espalham à direita do Centro de Convenções, contrastam com os condomínios do Vale dos Rios e do Stiep. Formam um significativo cenário que traduz e sintetiza a desigual Cidade do Salvador. Os moradores se queixam das carências comuns à maioria das áreas periféricas da cidade, como os problemas de abastecimento surgidos em época de chuva, mas se divertem com a curiosidade dos turistas que, às vezes, aparecem no local e não conseguem esconder a admiração e o espanto. Em seu blog, Nilton Lopes fala com orgulho sobre a Boca do Rio: "Esse é um lugar que inspira a possibilidade de manter uma vida saudável. As praias ao seu redor garantem um modo diferente de vida de seus moradores, tanto em sua rotina diária, quanto da sua diversão nos finais de semana. A cultura do lugar é fortemente influenciada pela sua orla marítima e pela sua colônia de pescadores, fundadores da comunidade".

Parque Atlântico atrai empinadores de pipa



A imensa área de lazer aguarda projeto paisagístico

Com 152 mil metros quadrados de área, o Parque Atlântico está abandonado. No passado, o local servia de pista de pouso para o Aeroclube de Salvador (que originou o nome do empreendimento), transferido, posteriormente, para a ilha de Itaparica. A expectativa dos moradores é que sejam retomadas as discussões entre a Secretaria de Planejamento e o Consórcio Parques Urbanos sobre as diretrizes do projeto paisagístico do Parque Atlântico, vizinho do Aeroclube Plaza Show, que também aguarda por um projeto de revitalização.

Há um ano, a prefeitura divulgou estudo da arquiteta Rosa Kluss, paisagista de renome nacional, autora de vários projetos em capitais brasileiras, propondo que a paisagem marítima fosse integrada ao espaço urbano, destacando as características do lazer contemplativo e áreas de convivência. Enquanto o projeto não sai do papel, os moradores aproveitam a área para empinar arraias e pipas e jogar peladas.

Sem lenço e documento na Praia dos Artistas



O reduto ainda guarda a atmosfera beat do passado

No tempo da contracultura, lá pelos idos dos anos 60 e 70, a Praia dos Artistas, na Boca do Rio, como Arembepe, era um reduto essencialmente beat. Hippies de todos os matizes dividiam o espaço com tropicalistas balneios, a exemplo de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Betânia, Gal Costa, Baby, ex-Consuelo, dos Novos Baianos, entre tantos outros. O lugar, situado ao lado da sede do Esporte Clube Bahia, ainda oferece um bom espaço de lazer ao banhista, que pode curtir e rever os momentos áureos daquele reduto, tendo como cenário o azul saturado do Atlântico. Para o caso de o estômago apertar, o entorno da Praia dos Artistas oferece um sem-número de bares e restaurantes, alguns considerados os melhores da cidade, a exemplo do Yemanjá, especializado em frutos do mar; Moenda; Bargaço; Boi Preto, uma churrascaria de renome nacional; A Porteira, com o melhor da culinária regional e nordestina; O Picu Tchê Picanhas, além do existente no Centro de Convenções da Bahia.

Aeroclube Plaza Show vive os novos tempos



O shopping de lazer espera pela revitalização

Inaugurado em outubro de 1999, o Aeroclube Plaza Show introduziu na cidade um novo conceito de lazer que reunia compras, entretenimento e alimentação no que então era apontado como "um amplo, confortável e seguro espaço". Os tempos mudaram. O local ainda oferece uma diversificada opção de salas de exibição e espaços de shows, mas a insegurança e a transformação do local em *point* de prostituição vem afastando antigos frequentadores. "O aumento da frequência dos gringos agravou a situação", acredita o morador Paulo Dias dos Santos, que defende a revitalização do lugar. Restaurantes, livrarias, espaços culturais foram fechando ao longo dos anos. No início, a previsão era de 140, mas hoje só existem cerca de 70. A ideia é promover a revitalização do empreendimento, não como espaço de lazer, mas transformá-lo em um shopping convencional. O Aeroclube ocupa uma área de 28 mil metros quadrados e reúne cerca de 130 operações, entre restaurantes, lojas, serviços, farmácias e bancos.